



**CONTRIBUTO PARA UM
TRABALHO DOCENTE
VOLTADO À INCLUSÃO NAS
PRÁTICAS CORPORAIS
ESCOLARES DE ALUNOS
COM DIVERSIDADE
FUNCIONAL VISUAL**

*Ariza Maria Rocha (orientadora)
Ramiro Ferreira de Freitas*

Crato - CE
2020



Universidade Regional do Cariri - URCA
Mestrado Profissional em Educação - MPEDU
Autores: Ramiro Ferreira de Freitas
Ariza Maria Rocha
Orientadora: Dra. Ariza Maria Rocha

Produto educacional fruto do projeto
“O CORPO DEFICIENTE VISUAL E SUA (IN)VISIBILIDADE NAS
PRÁTICAS CORPORAIS ESCOLARES: o “meu” não-lugar” (2018-2020)

Crato-CE
2020

Elaboração

Ramiro Ferreira de Freitas

Colaboração

Profa. Dra. Ariza Maria Rocha
Prof. Dr. George Pimentel Fernandes
Prof. Dr. Eder Pires de Camargo
Profa. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza

ILUSTRAÇÕES: IMAGENS DISPONÍVEIS *ONLINE*

Impressão:

Ramiro Ferreira de Freitas e Ariza Maria Rocha (orientadora)
CONTRIBUTO PARA UM TRABALHO DOCENTE VOLTADO À
INCLUSÃO, NAS PRÁTICAS CORPORAIS ESCOLARES, DE
ALUNOS COM DIVERSIDADE FUNCIONAL VISUAL. Crato:
MPEDU-URCA, 2020.

15 p. Il.: Color.

“Este espaço de dissuasão, articulado sobre a ideologia de visibilidade, de transparência, de polivalência, de consenso e de contacto, é virtualmente hoje em dia o das relações sociais”.

(JEAN BAUDRILARD)

Sumário

	APRESENTAÇÃO	
I	UM POUCO DE HISTÓRIA	04
II	ENSINAR E APRENDER PRÁTICAS CORPORAIS INCLUSIVAS	09
III	APONTAMENTOS SUGESTIVOS	13
IV	REFERÊNCIAS	15

Apresentação

Durante os últimos dois séculos, a cegueira tornou-se menos assinalada nos corpos. Em parte, o progresso deveu-se ao intelecto proporcionado graças ao advento da cultura Braille e dos materiais em áudio. Mas, se as ferramentas assistivas revelam um lado positivo – de acessíveis idealizações e domínios metodológicos revolucionários – o conflito inclusão X segregação não amorteceu as diferenças. Se torna, nos dias atuais da hipermodernidade, crítica a realidade fronteira que as pessoas com deficiência – sobretudo as cegas e com baixa visão – experimentam. O processo científico informático trouxe dilemas, hibridizou os organismos e intensificou suas relações virtuais em detrimento das tensas conformações físicas.

Através das “anormalidades” ou diversidades impostas por padrões éticos, os sujeitos moldam seus estilos de vida e, também, impulsionam, nos hábitos que adotaram, identidades. O conjunto da população, mais tarde subdividido em maiorias e minorias, sujeita às normas não é fragmentado *a priori*. A Educação Especial, neste sentido, resultaria em bom desenvolvimento para a qualificação fundada no respeito de e para todos, sem discriminação. Mas, e a Educação Física?

Componente curricular obrigatório, o “aperfeiçoamento” corporal, vinculado ou não a práticas esportivas bem definidas, recebeu dos militares parcela invulgar de seu teor hoje lecionado. Isso leva à maximização de rendimento e movimentação bem estabelecida, uma técnica totalizante sob a qual orientam-se os alunos. Essa rigidez, longe de constituir falha, serve à noção patriótica de manutenção sadia da juventude. Mas, se impõem obstáculos ao DV (deficiente visual), nem sempre “alfabetizado” nas estratégias de jogo e operação motora dos músculos: ele deve participar dessas atividades intensificadas? Como o professor será capaz de estimular o aprendizado, utilizando-se de meios próprios (sentidos remanescentes)? Este livreto propõe reflexões sobre tais problemas.

O autor

I – UM POUCO DE HISTÓRIA



Através do desenvolvimento motor, o homem apreende o mundo que está a seu redor. Os espaços físicos e padrões sociais, fundamentados em técnicas (lançar, driblar, segurar, etc.) ligadas a provas, antigamente ligadas à sobrevivência da espécie e hoje recreativas, tornaram-se tabus para quem é afetado por uma limitação total ou parcial no sentido da visão.

Até o século XIX, os deficientes visuais não possuíam considerável destaque no mundo do conhecimento. Embora houvesse quem, pertencendo a classes altas, estudasse mediante auxílios de tutores, mestres particulares e contadores de história (Homero é o maior exemplo), quase ninguém se preocupava em dedicar-se ao desenvolvimento integral do invisual (cego). Pessoas com deficiência visual “ganharam” seus primeiros centros educativos após a Revolução Francesa.

Naqueles tempos, a educação física como disciplina autônoma ainda estava se formando. Referentes didáticos eram raros e os métodos variavam segundo o país no qual se praticavam as atividades “de campo”. Não se falava em inclusão, tampouco em esporte adaptado.

Quando as duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) são conflagradas, a humanidade vê fragilidades até então inimagináveis. Milhões de soldados morrerão, outros milhões ficarão “sequelados”. Era preciso reabilitar tais heróis. Neste contexto surgem, como organizados e regulamentados, os desportos competitivos especialmente projetados para aqueles afetados por alguma dificuldade severa em seu “funcionamento” orgânico.

Romero (2018) citando Winnick (2011) afirma que a educação física adaptada consiste no programa individualizado de aptidão física e motora, habilidades motoras fundamentais e habilidades em atividades aquáticas, jogos, dança e esportes individuais e coletivos, projetados para atender às necessidades exclusivas de indivíduos com deficiência. Logo, é a deficiência, enquanto desvantagem, mola propulsora dos exercícios especializados. Mesmo sendo reivindicada a superação deste modelo “médico” para justificar o combate ao sedentarismo, permanecem as poucas instituições brasileiras do segmento comprometidas conforme acima descrito.

A diversidade não é incompatível com as experiências físicas. Se,

desde a infância, o educando for motivado a estimular-se auditivamente e manusear os objetos do entorno com o tato, notará, conscientemente, que o treinamento mediante exercícios contribui para o equilíbrio, o bem-estar e a cognição (plasticidade na mente e no corpo). Além disso, manter-se ativo ajuda a prevenir doenças e pode ser divertido. A autoimagem deve ser norteadada pela regular oportunidade de apoiar e colaborar com o jovem em situação de redução ocular, além de outras formas, como, por exemplo, o campo de futebol para pessoas com DV com grama sintética, conforme figura abaixo:



Figura 1 – Campo de Futebol para pessoas com DV com grama sintética. Fonte: *ONLINE*

Como já vimos, o esporte é especialmente importante para pessoas com visão subnormal e cegas, pois evita a fadiga. Mover-se com objetivo influencia positivamente o humor e fortalece a autoconfiança. Não importa se estamos falando de um esporte individual ou em equipe.

Em geral, é possível praticar quase qualquer esporte. No entanto, algumas doenças ópticas requerem cuidado especial. Por exemplo, existem enfermidades nas quais se deve evitar impactos ou esforço excessivo. Eu, o autor, tenho descolamento de retina e não é recomendado, para mim, jogar futebol ou baseball, entre outros. Mas nada me impede, teoricamente, de nadar ou virar um “craque” no xadrez.

Antes de decidir sobre um esporte, é indicado não apenas verificar sua disposição pessoal, mas também consultar seu oftalmologista. Os professores devem conversar com os pais ou responsáveis de seus (suas) discentes, buscando saber mais sobre a situação única que ele (ela) apresenta.

No Brasil, desde os anos 1990, fortaleceram-se os times de Goalball e, mais recentemente ainda, alguns indivíduos ingressaram em cursos superiores de licenciatura; serão futuros (as) educadores físicos nas instituições – escolas e academias, principalmente – voltadas, direta ou indiretamente, à performance das presentes e futuras gerações.

A evolução lógica conduziu o curso dos eventos à criação de modos alternativos de superar o escuro. Dois jogos, ainda pouco conhecidos, revelarão a versatilidade do engenhoso caráter não conformista:

- **Dardos sonoros** - *É desporto no qual projéteis de ponta macia são lançados em um alvo circular fixado sobre a parede. Os jogadores têm seus olhos vendados. Concordemente, o rodapé deve ser levantado, para que possa sentir-se com os dedos dos pés e, como o nome indica, o dardo tem uma voz que anuncia todas as coisas que normalmente são exibidas em texto escrito. Observadores videntes anunciam a posição das hastas que faltam na plataforma e ajudam a localizar as que caem no chão.*
- **Tênis de Mesa acessível** - *Na década de 1960, Joe Lewis, cego canadense, buscava desenvolver algum esporte projetado especificamente para que indivíduos com deficiência visual ou cegueira pudessem jogar sem assistência visual. Ele acabou “inventando” o hoje conhecido Showdown, nos campeonatos e momentos divertidos em todo o mundo. Ao longo dos anos, Patrick York, outra personagem, também canadense e totalmente cego, colaborou com Lewis no aprimoramento das regras e equipamentos. Regras adicionais evoluíram nas diferentes partes do mundo, incorporando preferências locais.*

Existem relatos esparsos informando que no Brasil, na década de 1950, cegos jogavam futebol com latas ou garrafas, mais tarde, com bolas envolvidas em sacolas plásticas, nas instituições de ensino e de apoio a estes indivíduos, como o Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, Instituto Padre Chico, em São Paulo, Instituto São Rafael, em Belo Horizonte.

Praticamente não há registros anteriores, embora seja razoável crer na participação de grupos isolados, no interior do vasto país, de atividades físicas como exercitar-se, manipular objetos e chutar algum objeto pelo lazer de lançá-lo sobre obstáculos. “Em 1978, nas Olimpíadas das APAEs, em Natal, aconteceu o primeiro campeonato de futebol com jogadores deficientes visuais no Brasil. A primeira Copa Brasil foi em 1984, na capital paulista”. (CBDV, s-d) Contudo, o IPC - Comitê Paralímpico Internacional reconhece, erroneamente, como primeiro campeonato entre clubes, o acontecido na Espanha, em 1986.

O *goalball*, embora de trajetória curta em países de modernidade tardia, recebeu notoriedade invulgar. Frequentes vezes é tratado, apesar de muito poucas semelhanças com tal modalidade, como "futebol dos cegos" nos veículos de comunicação populares. Em 1985, o professor Steven Dubner, do CADEVI (Centro de Apoio ao Deficiente Visual), entidade de atendimento às pessoas cegas de São Paulo, apresentou, com pioneirismo, o esporte no Brasil.

Entusiasmado, o professor Mário Sérgio Fontes levou para a ADEVIPAR (Associação dos Deficientes Visuais do Paraná). Ainda naquele ano ocorreu o primeiro jogo entre duas instituições. Em 1987, em Uberlândia, Minas Gerais, aconteceu o primeiro campeonato brasileiro, sob a supervisão do professor Mário Sérgio, presidente da antiga ABDC (Associação Brasileira de Desportos para Cegos). Desde 2010, a modalidade é administrada pela CBDV (Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais).

O Brasil é, hoje, uma das grandes potências mundiais. Porém, a primeira participação brasileira em Jogos Paralímpicos aconteceu somente em Atenas (2004), com a equipe feminina. O processo de equiparação das equipes masculina e feminina é importante matiz da perspectiva engajada das competições. A partir daquele momento o esporte não parou de crescer no território nacional e as seleções foram ficando cada vez mais fortes, tanto fisicamente quanto tecnicamente.

Nos Jogos Paralímpicos de Pequim (2008), as seleções masculina e feminina representaram o Brasil. Mas o país começou a se tornar uma das grandes forças no ciclo 2009/2012. Durante os Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara (2011) foram duas medalhas conquistadas – ouro no masculino e prata no feminino. Um ano depois o ponto mais alto do Goalball brasileiro: eis que o time masculino conquistou a inédita medalha de prata nos Jogos Paralímpicos de Londres (2012). (CBDV, s-d)

Sem cessar, o Brasil coleciona animadores sucessos. Em 2014, na cidade de Espoo, Finlândia, a seleção masculina conquistou o título inédito do Campeonato Mundial ao vencer os donos da casa por 9 a 1. Quatro anos depois, o bi viria em Malmö, na Suécia, com a vitória por 8 a 3 sobre a Alemanha. Nesta edição, as mulheres também fariam história com sua primeira medalha em Mundiais: o bronze. Nos Jogos Parapan-Americanos de Toronto (2015) e Lima (2019), o Brasil foi campeão nas duas categorias, em duelos contra os Estados Unidos. Com as seguidas conquistas o país atingiu a liderança do Ranking Mundial no masculino. Atualmente, a seleção feminina é a terceira melhor do mundo. (CBDV, s-d). (FREITAS, 2020).

O professor de Educação Física é um formador de cidadãos e recebe,

ensinando, sensações espontâneas que poderão servir à promoção de conhecimentos inclusivos. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e agora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - Portal MEC (ONLINE), norteadas por práticas amplas, marcarão um pontapé inicial que deve o educador seguir como informação prévia às necessidades a serem buscadas, toleradas e invocadas pelas normas, turmas e pelos projetos de trabalho na vida social que a instituição escolar representa.

Exemplos não faltam que é possível a inclusão da pessoa com deficiência visual nos esportes, conforme ilustra a imagem abaixo:



Figura 2 – Seleção argentina de Goalball, campeã do Grand Prix 2019. FONTE: ONLINE.

O fato de não poder ver pode trazer muitos prejuízos caso os alunos não sejam estimulados de forma correta, acarretando prejuízos em diversos meios de desenvolvimento, ocasionando problemas no processo motor, cognitivo e emocional do aluno. (MARQUES, 2019, p. 10)

**II - ENSINAR E
APRENDER PRÁTICAS
CORPORAIS
INCLUSIVAS**

Não existe segredo na iniciação ao toque, manifestação sensível da existência material. É preciso entender que cada pólo da transmissão – aprendente e ensinante – subsiste na própria carne, limitada pelas leis naturais e repleta de encadeamentos e desencadeamentos práticos. As tarefas quotidianas (locomoção até a escola, manuseio dos talheres) e o lúdico brincar localizam-se no fluxo ampliado da profunda inquietude: nossa espécie foi já nômade, indo de lugar em lugar, modelando geografias e explorando recursos terrestres.

Mesmo quando as ferramentas disponíveis para um trabalho não são exatamente ideais, é possível abrir-se para o novo. Os desafios tornam-se menos sacrificiais quando uma atitude positiva é privilegiada. A “luz” há de ser acesa!

O ingresso, na escola, de alguém com deficiência visual é, primeiro, um momento de forte dúvida. As perguntas multiplicam-se e o modo de ensinar e aprender cada tema é diferenciado. Muitos instrutores não crêem no êxito daquele ser inesperado, diferente porque “incomum” na percepção do ambiente. Outros reconhecem a versátil serenidade das inteligências plurais. Fato notório é que a inclusão já não depende dos gostos pessoais da equipe escolar, nem tampouco é um modismo passageiro, sublinha outra coisa – um caminho sem volta.

Ora, em Matemática, Física ou Geografia, a turma assiste uma aula, comenta, lê e escreve. Se é dificultado oferecer, ali, suporte bastante, sobretudo o instante da saída ao ar livre, da quadra e do contato com os pares e os objetos exteriores mostra-se, ocasionalmente, mínimo pelo juízo de valor cuja norma prevê incapacidade no outro (invisual e invisibilizado). É como se os interesses fossem apartados e inconciliáveis.

A perda de uma função, todavia, não esvazia a pessoa de seu potencial compreensivo, não anula seu universo. Já não há lugar para fuga de responsabilidades com ruptura dos limites imaginários, o princípio da realidade pedagógica equivale a fomentar substituição – do isolamento pelo encanto de construir pontes onde havia muro ou *playground* sensorial, conforme a ilustração abaixo:



Figura 3 (A e B) - Crianças cegas brincam em *playground* sensorial. FONTE: *ONLINE*

Reflexão e ação, pois, equivalem a ingrediente básico do processo formativo. Ora, o trabalho não é singela reprodução inalterada das fórmulas e regras, mas a tradução e o fascínio que dá valor à coisa aprendida, força essencial de impulsos mentais e vontades motivadas. Ao transmitir noções abstratas, deve-se buscar aproximar o dito do sensível, o visto do audível e do tátil.

Não adianta manter suspensa a curiosidade, esperar que apenas o brailista ou especialista em tecnologias assistivas (recursos peculiares utilizados por quem tem deficiência) seja “os olhos” do estudante. O protagonismo desenvolvido como signo integrador é do grupo inteiro – docentes, familiares, colegas, servidores da escola e comunidade na qual se insere a “contradição”. Logo, articulam-se forças e investimentos no “fenômeno” tornado agente e paciente da condução educacional.

O mestre sensato consultará equipe médica e/ou especialistas da área e

dialogar com os pais ou responsáveis pela criança ou adolescente invisual.

Pesquisar na internet, em livros, revistas, jornais, etc., sobre a Tiflogia, o paradesporto, as texturas de inúmeros materiais, brinquedos adaptados e ferramentas úteis no bojo da Orientação e Mobilidade (como locomover-se, conhecendo os espaços, reconhecendo obstáculos no caminho e tecendo sugestões com foco no melhoramento (desenho universal) da acessibilidade institucional e local (no bairro, na cidade).

Considerará a multissensorialidade, para além da visão, reformulando métodos, cultivando a imaginação.

Saberá lidar com a “visualização” alternativa de conteúdos e imagens, habilitando uma expansão dos movimentos. A cegueira, por si só, não é um impedimento, pois o olho não é o único órgão receptor de informações.

Potencializará as relações de trabalho/estudo coletivo, elaborando canais interativos de comunicação (audiodescrição, impressão 3D, leitura em voz alta, uso de computadores e demais equipamentos à mão) e avaliação (permitindo expressão e evitando tratamento superprotetor).

Embora as adaptações sejam sempre necessárias, seria constrangedor manter sempre uma postura “artificial” ou majoritariamente formal perante o cego/com baixa visão e seu possível acompanhante (guia vidente).

ACESSO e PERSISTÊNCIA são processos relacionados a criação de condições legais e atitudinais propícias à (re)construção continuada do ideal-real incluir com começa pela formação de professores, conforme ilustração abaixo:



Figura 4 – Professores para uma Educação Física e Corporal inclusiva de verdade

**III -
APONTAMENTOS
SUGESTIVOS
FINAIS**

AO DEFICIENTE VISUAL

1. Visite as instalações esportivas (quadra, campo de futebol, piscina, etc.) com antecedência, acompanhado por um instrutor de reabilitação ou pelo professor de educação física, eles podem lhe dar dicas úteis de orientação.
2. Leve um acompanhante (familiar ou amigo) com visão durante as primeiras aulas, ele chamará sua atenção para coisas importantes e para as principais atitudes durante as aulas, que servirão de elementos-chave durante o curso/disciplina.
3. Verifique se as condições de iluminação durante os exercícios são adequadas às suas necessidades, pedindo, se você tiver visão subnormal, que o professor coloque-se contra a parede na qual a incidência de luminosidade é maior e observando a influência que isso talvez revelasse – pois durante a aula, os envolvidos movem-se e é prudente evitar que haja oscilação comprometedora da sua autonomia participativa. Proponha rearranjo do mobiliário, se isso torna mais confortável a tarefa em prática.
4. Leve consigo, se tiver, um dispositivo de gravação e grave as instruções do educador.
5. Aprenda os gestos difíceis com antecedência! Procure, em diferentes fontes, as técnicas do corpo que, no horário destinado a Educação Física, serão ensinadas. Consulte, também, o professor antes da aula para que ele mantenha diálogo no qual serão apontados os detalhes daquilo a ocorrer futuramente.

AO PROFISSIONAL PEDAGÓGICO

6. Mediante diferentes tecidos, papeis, telas, plásticos grãos e substâncias apreciáveis pelo tato, estimule a sensibilidade do aluno, mostrando-lhe as diferenças e similaridades. OBS: esta orientação refere-se, particularmente, às lições de alfabetização e ensino fundamental.
7. Embora seja verdadeiro concluir que existem algumas modalidades incompatíveis com a DV, geralmente, é possível adequar o esporte, a dança, lutas e muitas “artes” saudáveis às circunstâncias. Por exemplo: incluir o loga como forma de relaxar e meditar é ótimo nexo introdutório ao ensino dos conteúdos “ocidentais” – como futebol de salão, basquete, ginástica e tantos outros, obedecendo, sem embargo, o projeto curricular estabelecido e, apenas quando necessário, adaptando- sem, no entanto, excluir ninguém.
8. A participação da comunidade e, em suma, do próprio cego ou amblíope, é ocasião sem a qual não se fará concreta inclusão, pois as soluções são diferentes nos contextos e preferências individuais. Nem a deficiência nem as escolhas – que de bem vir autonomamente – são padronizadas.
9. Cultive um espírito positivo e mantenha informados os pares do estudante sobre as melhores formas de auxiliá-lo.
10. Introduza, nas aulas, os desportos “especiais”. Com baixo custo se fazem criativas sessões de sensibilização. Guizos podem ser substituídos por chocalhos nas bolas de *goalball*, as peças do xadrez podem receber uma marca diferencial sentida pelos dedos.

REFERÊNCIAS

BAUDRILARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1981.

FREITAS, Ramiro Ferreira de. **O corpo deficiente visual e sua (in)visibilidade nas práticas corporais escolares: o “meu” não-lugar**. Dissertação de mestrado em Educação (não publicada) – Universidade Regional do Cariri, Crato-CE, 2020.

MARQUES, Marcelo da Silva. **A inclusão de alunos com deficiência na aulas de educação física**. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13784/1/21491900.pdf>>. Acessado em 24. jan. 2020.

ROMERO, Angie Geraldin Alvarado. **Baloncesto adaptado a la discapacidad visual**. Una experiencia de enseñanza-aprendizaje desde la educación física. 106 f. Proyecto de Grado (Licenciatura en Educación Básica) - Universidad Libre, Bogotá, 2018.

SITE TELESPECTADOR. **Figura 1**. Campo de Futebol para pessoas com DV com grama sintética. Disponível em <https://www.telespectador.com/noticias/bogota/bogota-estrena-cancha-sintetica-para-personas-con-discapacidad-visual-articulo-897791>

SITE INQUIRER. **Figura 3 “A” e “B”**. Crianças cegas brincam em playground sensorial. Disponível em <https://www.inquirer.com/news/philadelphia-playground-for-blind-children-20191231.html>

SITE CBDV. **Figura 2** – Disponível em <http://cbdv.org.br/competicoes/selecao-de-futebol-de-5-conhece-rivais-do-grand-prix-de-toquio>

SITE PORTAL MINISTÉRIO EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>

SITE BBSB. Imagem de capa - Disponível em <https://bbsb.org/beratung-und-angebot/alltag-mit-blindheit-und-sehbehinderung/freizeit-und-sport/>

SITE OLHAR DIRETO. **Figura 4**. Curso Capacita Professores para treinar deficientes visuais. Disponível em <https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=314162¬icia=curso-capacita-professores-para-treinar-deficientes-visuais>>.

SITE CBDV. **Seleção Argentina de Goalball, campeã do Grand Prix 2019**. Disponível em <http://www.cbdv.org.br/competicoes/selecao-de-futebol-de-5-conhece-rivais-do-grand-prix-de-toquio>